

Prefácio

Quando fui convidado para escrever este prefácio, fiquei genuinamente feliz. Não apenas pelo convite, mas porque conheço essa história de perto. Conheço o Diogo e o Miguel há mais de 18 anos — desde os tempos de Engenharia na USP, quando eu ainda estava tentando entender o que significava empreender — e, mais tarde, conheci também o Rodrigo. Foi com eles que eu aprendi. Não o empreendedorismo de palco ou de frase bonita, mas o real: lidar com incerteza todos os dias, assumir risco sem garantias, tomar decisões com informação incompleta, errar, ajustar, pivotar e seguir em frente. Aprendi que empreender é menos sobre ter controle e mais sobre desenvolver maturidade para agir mesmo quando não há clareza suficiente.

Este livro nasce dessa trajetória. Não é um manual teórico escrito à distância nem um compilado de frameworks desconectados da realidade, mas o resultado de mais de dez anos construindo startups *deep tech* — errando, acertando, reconstruindo hipóteses e aperfeiçoando um método a partir da prática. A maturidade do playbook vem justamente dessa combinação rara entre experiência concreta e reflexão estruturada. Há aqui pensamento, mas há sobretudo chão de fábrica, negociação difícil, validação real e pressão de caixa.

Algo que chama atenção logo nas primeiras páginas é a generosidade dos autores. O texto é repleto de referências, influências e aprendizados compartilhados com transparência. Isso revela uma intenção maior: fortalecer o ecossistema brasileiro de *deep tech*. Não se trata apenas de construir empresas bem-sucedidas, mas de elevar o nível dos fundadores, preparar melhor os investidores e criar um ambiente mais consciente para inovação de base tecnológica. Há neste livro um compromisso claro com o desenvolvimento coletivo — um espírito genuíno de devolver ao ecossistema aquilo que foi aprendido na prática.

Mas o ponto central do livro é ainda mais profundo: ele é, essencialmente, um livro sobre redução de risco. Empreender já é, por definição, um exercício de enfrentamento do desconhecido. Empreender em tecnologias de fronteira,

onde se acumulam riscos científicos, regulatórios, de engenharia e de mercado, é um exercício de complexidade exponencial. O método da CAOS Focado parte de uma constatação simples e poderosa: não se elimina a incerteza, mas é possível organizar a forma de atravessá-la. Reduzir risco não é eliminar ousadia — é criar condições para que a ousadia seja sustentável. As chamadas “Arrebitações” sintetizam bem essa visão. Não são metas vaidosas, mas marcos mínimos de maturidade. Cada fase exige foco específico, energia direcionada e papéis bem definidos. Não há glamour na travessia; há disciplina. Essa disciplina é o que permite que a tecnologia saia da bancada e encontre o mercado.

Outro ponto que considero central é o equilíbrio entre tecnologia e negócios. Em *deep tech*, esse equilíbrio não é opcional — é estrutural. Tecnologia brilhante sem aderência de mercado é apenas ciência aplicada. Modelo de negócios promissor sem base tecnológica sólida é fragilidade disfarçada. O livro mostra, com clareza, que a construção sustentável exige complementariedade real entre sócios, trabalho “mão na massa” e diálogo constante entre visão técnica e visão de mercado.

Também há uma maturidade rara ao tratar do tema do *exit*. Desde os estágios iniciais, o método já considera o desfecho estratégico como parte do desenho da jornada. Isso não diminui o idealismo da inovação; ao contrário, o torna responsável. Construir com visão de saída é reconhecer que empresas são ciclos, que capital tem lógica própria e que fundadores precisam fazer escolhas conscientes sobre o caminho que desejam trilhar.

Mais do que um guia técnico, este livro é um convite à responsabilidade empreendedora. Ele mostra que inovação de impacto não nasce do improviso, mas da combinação entre método, coragem e autocrítica. Mostra que pivotar não é fraqueza, mas consequência natural do aprendizado. Mostra, sobretudo, que enfrentar o caos exige mais do que entusiasmo — exige estrutura.

Para mim, que tive o privilégio de aprender com esses autores ainda nos tempos de universidade, é gratificante ver essa experiência sistematizada e compartilhada. Tenho convicção de que este playbook ajudará fundadores, investidores e todo o ecossistema a construir startups de *deep tech* mais sólidas, mais conscientes e com maior probabilidade de gerar impacto real para a sociedade. Que este livro sirva não apenas como orientação, mas como incentivo para que mais tecnologias atravessem o vale da incerteza, saiam da bancada e encontrem o mundo.

Maurício Villar
Fundador da Tembici